

JORNAL DO CONSELHO DA **comunidade negra**

Órgão Oficial do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra — Ano I — N.º 03 — Agosto/setembro de 1985

PROTESTO
CONTRA O
RACISMO (I)

Pág. 3

I SEMINÁRIO
SOBRE A
MULHER NEGRA
EM
ARAÇATUBA

Pág. 5

O CONSELHO
E A
CONSTITUINTE

Pág. 3

"São Paulo protesta contra o racismo"



Clube 28 de
Setembro



*No dia 22 de agosto o governador Franco Montoro
recebeu embaixadores africanos no Brasil
em ato de repúdio ao apartheid.*

Centenas de pessoas presas, mais de 100 mortos pela polícia sul-africana nos últimos meses.
O regime do apartheid dá sinal de falência. Leia editorial na pág. 3

COMUNIDADE

A IMPRENSA

NEGRA

*PROF.
ARI CÂNDIDO



Muito se tem escrito sobre a ESCRAVIDÃO no Brasil. Mas pouco se tem difundido sobre a produção jornalística — parte da memória jornalística e nacional — da imprensa negra contemporânea que se inicia pelos idos de 1915. Mais do que a violentação de uma raça no período escravocrata, seria a não difusão da produção dos descendentes desta raça na pós-abolição que se inicia através de agremiações sociais de entidades negras na luta de recuperação da dignificação de

uma raça que se faz por parte da formação do nosso povo. E posteriori — através de sua imprensa imprimir suas reivindicações sociais, políticas e a realizada paralelamente à sua luta pela sobrevivência — soube produzir uma imprensa que atinge mais de 36 títulos de jornais e revistas — do período de 1915 à década dos anos 70. Alguns desses jornais no Brasil, tiveram vida curta, possivelmente por dificuldades econômicas, mas outros sobreviveram por vários anos. Reconstruir esta memória



nesta edição prefaciada pelo historiador CLOVIS MOURA — a partir da proposta da Assessoria para Assuntos Afro-Brasileiros da Secretaria de Estado da Cultura — denota novos tempos do significado da memória nacional — onde a contribuição dos segmentos que constituem o nosso povo — são elementos essenciais para o exercício de-

mocrático no qual deseja o povo brasileiro exercitar a transformação deste País.

*Ari Cândido — é o responsável pela Assessoria Afro-Brasileira da Secretaria de Estado da Cultura de SP.

CARTAS DO LEITOR

“meu professor de história distribuiu para os alunos de cor o n.º 1 do jornal do Conselho da Comunidade Negra. Gostei muito de ler sobre a visita a Fêbem, Seminário sobre Discriminação Racial no Mercado de Trabalho, O Encontro com Tancredo. E gostaria de receber outros. Meu nome é Marcos P. de Alcantara. Tenho 16 anos.”

AGRADECEMOS AS CARTAS DOS LEITORES:

GISELENE APARECIDA F. DA SILVA DOS SANTOS — CAPITAL — SP
EDNA MARIA — CAPITAL — SP
MARIA BERNADETE DA SILVA — UNIÃO CASABRANQUENSE DE EDUCAÇÃO E CULTURA NEGRA — SP
PEDRO MARTINEZ DE SOUZA — PRESIDENTE DA CÂMARA DOS VEREADORES — ARAÇATUBA
DULCE MARIA MATIA DE SOUZA

— CASA DO ARTISTA DE GUARULHOS — SP
NARLUZA PASTOR SANTOS — PRES. SOCIEDADE MARANHENSE DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS — MA
DR. ROBERTO BONAVIDES — PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS
MARCILIO LADEZ — CAPITAL — SP
BENEAL FERMINO DE BRITO — SANTO ANDRÉ — SP
ANTONIO ACÁCIO NASCIMENTO — CAPITAL — SP
PAULA APARECIDA G. DA SILVA — GUARULHOS — SP
DR. J. GUERRA — PRESIDENTE BERNARDES — EST. SP
ROSENIR ALBERTO MUNIZ — PRESIDENTE — ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE APOIO AS ARTES NEGRAS — RJ
JANDIRA DE FÁTIMA OLA — ITARARÉ — SP

Nota:

A entrevista publicada no n.º 2 com a Zezé Motta é da autoria da jornalista Rosângela de Paula.

LEMBRETE:

VOCÊ GOSTARIA DE RECEBER UM EXEMPLAR DO JORNAL DO CONSELHO?

ENVIE SEU PEDIDO PARA R. ANTONIO DE GODOY, 122 11.º — CENTRO — CEP 01034 — SP

NOME

ENDEREÇO

PROFISSÃO

CIDADE

ESTADO

CEP

Comissão de Educação

A Comissão de Educação do Conselho de Participação da Comunidade Negra nestes últimos 6 meses vem desenvolvendo várias atividades com relação à situação educacional do negro brasileiro.

Esta Comissão, coordenada pela conselheira Rachel de Oliveira e a pedagoga Sueli C. Ferreira, promoveu até então as seguintes atividades:

Encontro entre o secretário de Estado dos Negócios da Educação, Dr. Paulo Renato Costa Souza, professores e pessoas interessadas na questão educacional brasileira. Neste encontro vários problemas, questões e reivindicações foram levantados, tanto a nível dos profissionais da rede quanto a nível do processo educacional que, de modo geral, não atende às necessidades de formação do aluno negro. O Secretário mostrou-se sensibilizado com a questão e se colocou à disposição da comunidade negra para viabilizar o encaminhamento de propostas e reivindicações junto àquela Secretaria, através de uma assessoria específica para tratar dos assuntos da comunidade.

Contatos com a Secretaria Municipal de Educação, com o objetivo de introduzir a esse aspecto, inclusive no processo de revisão de currículo que a Secretaria já vem desenvolvendo.

Participação de membros da Comissão de Educação no 4.º Congresso

Estadual de Educação, realizado no último mês de março, onde foram levantados itens como: O negro no livro didático. Encontros com a Equipe de Estudos Sociais da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, no sentido de elaborar material referente a datas significativas para a comunidade negra (13 de Maio - Dia da Abolição da Escravidão e 20 de Novembro - Dia Nacional da Consciência Negra). Este material visa aprofundar a discussão nas escolas, sobre os verdadeiros motivos que levaram os governantes, em 1888, a abolir a escravidão, e, também, esclarecer o porquê do dia 20 de novembro ser considerado o Dia Nacional da Consciência Negra.

Elaboração de cartazes referentes à educação, a datas alusivas a movimentos e fatos sociais marcados ao longo de nossa história.

Encontro com o coordenador da Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas, professor João C. Palma Filho, no sentido de viabilizar estudos e programas sobre a questão educacional relativos à comunidade negra. Proposta da Assessoria Carlos Chagas: executar, conjuntamente com o Conselho de Participação da Comunidade Negra, um diagnóstico sobre a situação educacional de negros no Estado de São Paulo apoiado, fundamentalmente, em revisão bibliográfica e análise de tabelas especiais.

Comissão do menor

A Comissão do Menor do Conselho está encaminhando um projeto, no sentido de firmar um convênio com a Vara Central de Menores. O trabalho que se pretende desenvolver entre os dois órgãos, Conselho e Vara de Menores, tem pautado os seguintes itens:

I — Montar um esquema de cadastramento das famílias negras;
II — Elaborar um documento esclarecedor das novas medidas com relação à guarda, tutela e adoção, tomadas por aquela Vara;
III — Divulgar este documento através de:

a) entidades negras

b) clubes
c) sindicatos
d) associações
e) entidades religiosas
f) escolas de samba etc.

VI — Fazer um cartaz cujo objetivo é estimular a comunidade e participar do processo de integração do menor carente e abandonado. Este cartaz deverá ser colocado, além de outros, nas organizações citadas no item III;
V — Programar uma série de palestras que deverão ter início a partir de setembro com data a ser fixada na sede do Conselho. Estas palestras serão proferidas dentro de diferentes organizações.

EXPEDIENTE

EDITORA E JORNALISTA RESPONSÁVEL:
Vera Lúcia Benedito MT 13667

CONSELHO EDITORIAL:
Hélio Santos, Ivair Augusto Alves dos Santos,
Genésio de Arruda, Maria Cristina de Oliveira e Antonio Carlos de Arruda.

COLABORARAM NESTE NÚMERO:
Jamu Minka, José Camilo dos Santos (Interior)
Ari Cândido, Maurício Pestana (charges)

FOTÓGRAFOS:
Davi Poli e José Camilo dos Santos

REVISÃO: Maria Benícia de Jesus

DIAGRAMAÇÃO, COMPOSIÇÃO,
FOTOLITO E IMPRESSÃO
IMPRESSA OFICIAL
DO ESTADO DE SÃO PAULO
Rua da Mooca, 1921 — Fone: 291-3344

50 MIL EXEMPLARES; DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
ENDEREÇO: CONSELHO DE PARTICIPAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE NEGRA
RUA ANTONIO DE GODOY, 122, 11.º ANDAR — CENTRO — CEP 01034 — SP.

EDITORIAL

A Sociedade Civil Brasileira olha atônita ao noticiário internacional, as cenas de violência e os funerais que hoje, na África do Sul, são uma presença freqüente.

O que se passa na África do Sul?

Um país com uma população de 28,5 milhões de habitantes, dos quais 23 milhões são negros, 4,6 milhões são brancos, 2,8 milhões são mestiços e 870 mil de origem asiática.

Os negros, em luta contra as leis de segregação racial (apartheid), intensificam os seus protestos; a po-

pulação negra majoritária vive na completa marginalidade, agravada pela recessão econômica e o desemprego.

As principais reivindicações caminham em direção da conquista da cidadania:

— Uma África do Sul unificada e a não constituição de repúblicas oficiais;

— Exigência da representação negra no Parlamento Central;

— Um leitor, um voto;

O Estado de emergência, existente hoje na África do Sul, tem servido para aumentar o grau de violência e as arbitrariedades cometidas contra a população negra. O mundo inteiro se manifesta em solidariedade aos negros da África do Sul.

O Movimento Negro no Brasil tem se manifestado ao longo de todos esses anos pelo rompimento

efetivo das relações diplomáticas com a África do Sul.

A sociedade civil brasileira, que ora se organiza por meio de partido e entidades de classe, também manifesta-se em repúdio ao que acontece na África do Sul.

É de fundamental importância que hoje tenhamos um comportamento mais digno, corajoso e independente na Nova República, condenando o apartheid.

É inaceitável não se ouvir o clamor de todos os que amam a liberdade e a democracia que hoje exigem o rompimento das relações diplomáticas com o regime fascista da África do Sul.

Comissão Executiva

Protesto contra o racismo (I)

O governador Franco Montoro recebeu no dia 1.º de agosto, quinze representantes de entidades negras de São Paulo, em audiência solicitada pelo Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, para entrega de um documento contendo os reclamos da comunidade negra de todo País, referente aos últimos acontecimentos na África do Sul.

O Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, juntamente com as demais entidades, através do seu vice-presidente Ivair Augusto Alves dos Santos, destacou a forma com que o governo brasileiro vem tratando a questão da África do Sul, nas duas últimas décadas, ressaltando que, na atual conjuntura, o Brasil não pode ficar simplesmente contemplando o regime do apartheid com notas diplomáticas de protesto, sem tomar uma decisão efetiva contra um governo de minoria branca, que ao longo de mais de 100 anos, vem impingindo um massacre à população de maioria negra naquele país, confinando-a em territórios delimitados pelo governo de Pieter Botha, tal qual nos campos de concentração nazista, assim como, tolhendo essa mesma população do livre exercício democrático de escolha de seus representantes, para reivindicação da melhoria de

Ao ato que precedeu as manifestações do dia 22 de agosto quando várias entidades negras e lideranças políticas promoveram um ato de repúdio contra o apartheid, no dia 5 de agosto, representantes da comunidade formalizaram o pensamento da comunidade negra sobre o genocídio praticado contra milhões de negros sul-africanos.



suas condições de vida, participação política, social e econômica.

Na oportunidade, foi lembrada a prisão de inúmeros ativistas, que engajados na luta pela emancipação, estão há mais de vinte anos nas prisões sul-africanas, como o líder da ANC —

Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela, este ainda vivo, sem contar inúmeros líderes negros mortos como Stevie Biko.

Ivair Augusto A. dos Santos, reafirmou "que nós afro-brasileiros, unidos aos demais setores democráticos da

sociedade, estamos conseguindo, embora com grandes dificuldades, aumentar o nosso espaço político e social, enquanto isso, assistimos estarecidos o genocídio imposto ao negro sul-africano".

O governador ouviu sensibilizado as razões expostas pelos demais presentes, e lembrou dos seus pronunciamentos no Senado, em relação à África do Sul, ainda em 1982.

Entre as manifestações públicas que ocorreram no mês de agosto, a primeira delas foi o ato público, dia 5 de agosto em frente ao MASP, seguido de passeata em direção ao consulado da África do Sul, em São Paulo.

O governador Franco Montoro assumiu o compromisso de promover junto aos governadores de outros Estados, um movimento amplo para os próximos dias, além desse do dia 5, convocando todas as embaixadas e consulados estrangeiros no País. O governador do Ceará, Luiz Gonzaga Motta, em visita ao governador de São Paulo, já se colocou a favor do movimento nacional contra o regime racista da África do Sul.

A principal reivindicação da comunidade negra brasileira é: O ROMPIMENTO DAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS, COMERCIAIS E CULTURAIS COM A ÁFRICA DO SUL.

O Conselho e a Constituinte

De 15 a 17 de maio, o Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra em colaboração com a Imprensa Oficial do Estado e o apoio da Vasp, promoveu um ciclo de debates: "1888-1985/O Negro e a Constituinte".

O evento dividido em três fases abordou os seguintes temas: "O negro na sociedade brasileira", uma análise reflexiva que contou com a presença do Secretário dos Negócios Jurídicos da Prefeitura de São Paulo, o representante do Secretário da Justiça, o advogado José Eduardo de Oliveira Galvão, o Superintendente da Imesp, Dr. Audálio Dantas, Deputado Benedito Cintra, o sociólogo e historiador Pe. José Oscar Beozzo e a teatróloga e publicitária Tereza Santos, sob a coordenação do jornalista e poeta Jamu Minka.

O segundo tema introduziu para a comunidade a questão do espaço urbano e agrário sob o título "Espaço Urbano, Pobreza e Mudança", com o Prof. Dr. Milton Santos, geógrafo da Universidade de São Paulo, a Profa. Maria Adélia Aparecida de Souza, prefeita da cidade Universitária de SP e o Deputado Walter Lazzarini, sob a coordenação do Prof. Dr. Silvio Luiz de Oliveira.

A terceira e última etapa dos deba-

tes coube a discussão ampla sobre a "Constituinte, Mudança e Transformação". Os debatedores foram a Profa. Lélia Gonzalez, da PUC do Rio de Janeiro, Superintendente da Imesp, Dr. Audálio Dantas, o Prof. Hélio Santos, presidente do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra e o dirigente sindical Geraldo Rodrigues dos Santos, Rio de Janeiro, sob a coordenação do sociólogo Marcio Damazio.

A organização geral do evento que esteve a cargo dos funcionários da Imesp Celso Madeira e Irineu Ferreira, e a jornalista Vera Lúcia Benedito, do Conselho da Comunidade Negra, organizou no espaço anexo ao auditório da Imesp, a exposição "Retratos em Preto e Branco", dos fotógrafos Luiz Paulo P. Lima, Juvenal Pereira e Wagner Celestino, e também uma pequena mostra dos livros mais representativos da literatura negra brasileira, livros estes pertencentes ao acervo do escritor e jornalista Osvaldo de Camargo.

Devido a grande repercussão que os debates tiveram junto à Comunidade, o Conselho da Comunidade Negra prepara para os próximos meses ciclos itinerantes nas diversas regiões que compõem a grande São Paulo, assim como no interior do Estado, cujo tema básico será a Constituinte.



Superintendente da IMESP Jornalista Audálio Dantas e o Prof. Hélio Santos

José Camilo dos Santos

I Seminário sobre a par da mulher negra na soc

Este foi o tema do 1.º Seminário realizado entre 20 e 21 de julho pela Delegacia Regional do Conselho em Araçatuba, com a presença de mais de 60 representantes de várias cidades do Estado

Este seminário, na opinião de muitos dos presentes, selou a vanguarda do movimento negro da região, já que movimentos populares ali quase não existiam e que se fazem necessários, pelo fato de viver no cinturão pobre de Araçatuba a grande maioria negra.

Ao agradecer a prefeitura local que colaborou para o evento, a Prof.^a Cleonice Martins dos Santos, delegada regional de Araçatuba, disse que o seminário veio de uma "idéia na cabeça, de muita força de vontade e nenhum dinheiro no bolso", incluindo na lista dos agradecimentos também Carlinda Alves de Oliveira, Maria Luzia de Almeida Rosa e Marilu Barbosa José, sem as quais, afirmou, nada seria realizado."

Incluindo temas relevantes para as mulheres em geral e, dentre estas, as empregadas domésticas, as bóias-frias, o seminário levou à discussão os direitos da mulher, racismo e preconceito, machismo e repressão na família, o problema do menor, a mulher e a educação dos filhos até a discriminação destas mulheres negras no mercado de trabalho, com trocas de experiência entre as várias organizações de mulheres ali representadas e com trabalhos já em pleno desenvolvimento.

Um dos temas que mais polemizaram foi a questão do planejamento familiar que tendeu mais para o controle da natalidade, com severas críticas aos programas desta área vindos de outros países, e aí as discussões se acirraram devido às várias divergências e, dentre estas, o comportamento sexual antes e depois do casamento, a responsabilidade de assumir ou não estas consequências, além da discussão sobre a questão do aborto, onde um dos grupos levantou a necessidade de desmistificar o planejamento familiar por ser de ordem puramente político-econômica, e, por isso mesmo, deve ser propiciada uma melhor distribuição de renda que atinja a classe pobre. O mesmo grupo acha que devem ser usados todos os



Prof. Cleonice Martins dos Santos na abertura do Seminário

meios de comunicação para divulgação destas questões, inclusive a do aborto, que deve ser opcional para cada mulher, desde que aja este projeto de informação básica.

ESFORÇO TOTAL É ÊXITO TOTAL

O ginecologista Deroci de Carvalho acrescenta que o desnível social é o grande causador de todos os problemas da sociedade e, para ele, a pobreza, 80% da população, é que causa a agressividade, a promiscuidade. A advogada Edna Flor, uma das expositoras, lembrou que se deve detectar os problemas sociais e saber quais os canais para onde se dirigir e, descobrindo estes canais, encaminhar soluções, pressionar os poderes governamentais, porque a política reflete a sociedade e

se o negro é discriminado na sociedade, ele o é também, na política. Concluiu, citando Gandhi, "o êxito está no esforço e não na realização" e quando o esforço é total o êxito também é total e num grupo que toma providências alguma coisa vai acontecer."

Edna pensa que a mulher tem direitos sim, mas não muitos, já que os dispositivos legais para ela, são esquecidos; poucos direitos conquistados e desrespeitados. Afirma que isso é um desafio e isto não é motivo para se acovardar, mas para criar forças porque não existem fórmulas prontas, mas sim a organização em si. Para isso Ambrosina de Lima Afonso, bóia-fria com seus quase 60 anos de idade, concorda com esta organização em grupos e acha que se deve fazer algo em troca, onde a necessidade é que ajuda a criar no pró-

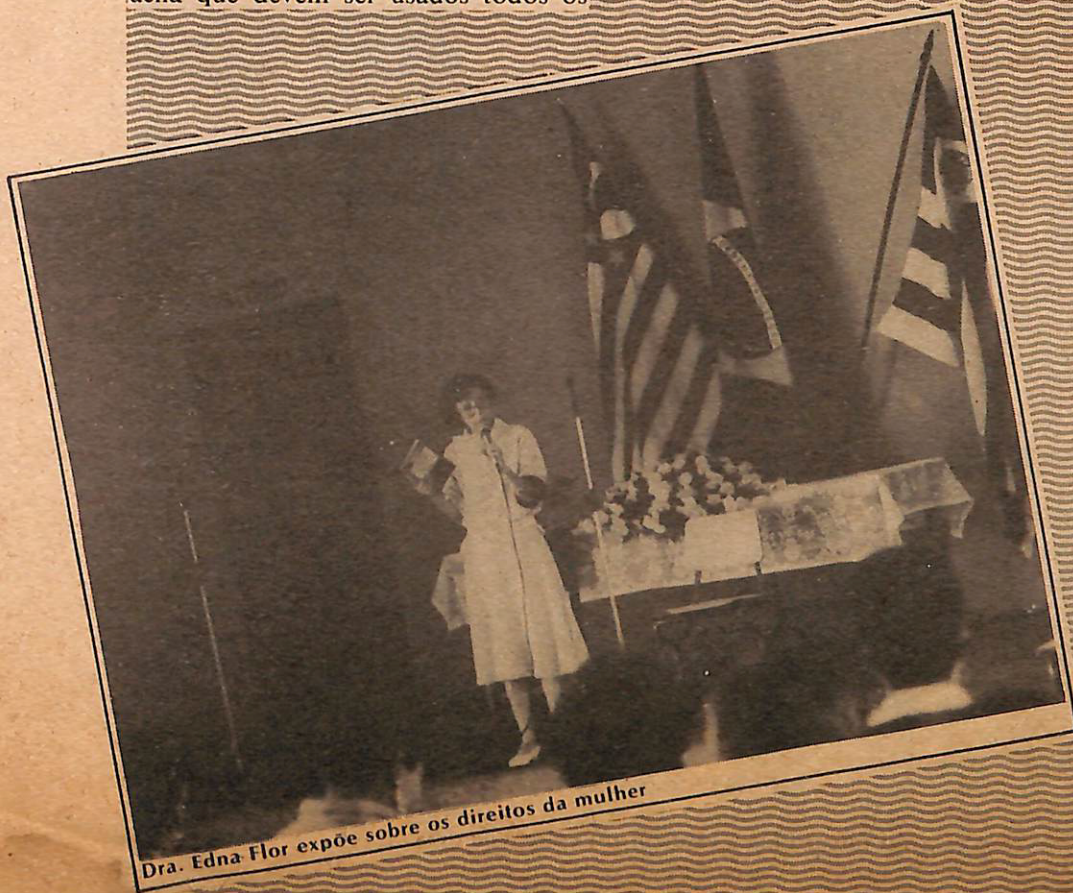
prio meio algo produtivo, e partir para o próprio direito que se tem para não se tornar "máquina que trabalha e depois enferuja". Já a doméstica Maria Ignês Martins, comentando sobre as formas de organização, tem medo da falsa liberdade, das mulheres que falam em público mas que massacram suas empregadas em casa, tem medo também do seu movimento cair no elitismo, porque acha que onde houver pessoa oprimida não há salvação.

A SITUAÇÃO PASSA PELA EDUCAÇÃO

Por isso mesmo é que os grupos concordaram com a conclusão dessas reuniões porque é importante nos reunir e conscientizarmo-nos porque se não estivermos conscientes de nossos direitos e deveres não caminhamos." E esta conclusão "vai para nossas casas, para nossa cabeça e nosso modo de pensar é que melhorará e conscientizando nós vamos pressionando" porque esses momentos de reflexão servirão para que cada uma possa dar a sua contribuição nesse momento de transição do país, para que o direito do cidadão seja garantido.

Para uma das expositoras na Constituição onde diz que todos são iguais perante a lei parece mais poesia que virou piada, pois a própria vida prova o contrário. Exemplificando, disse que entre os profissionais que ganham mais de 30 salários mínimos, encontram-se 94,7 por cento que são homens e somente 5,3 por cento mulheres.

Concluindo, a Prof.^a Cleonice acha que a solução passa pela educação, não só a formal, mas a informal que se aprende desde que se nasce. E houve quem disse que estava nessa luta pela libertação dos oprimidos por se achar também de uma geração oprimida, filhos de trabalhadores rurais. Foi o caso de Tito Damaso, diretor regional de educação, acrescentando que "nossa luta é muito séria que é a de libertar a educação de um sistema de ditadura vindo destes tempos todos".



Dra. Edna Flor expõe sobre os direitos da mulher



Mulheres de várias regiões presentes ao encontro

Participação Cidadade



Dna. Ambrosina lider das trabalhadoras rurais da região

Rio Claro: a força de uma atuação

A região de Rio Claro, além de comprovada tradição em militância negra, prova, também, que é uma das cidades mais preocupadas com os reais interesses da causa, através de seus líderes e da própria comunidade negra local. Só para lembrar: o Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado de São Paulo foi criado em 11 de maio de 1984, e no dia 6 de setembro deste mesmo ano esta cidade já tinha a sua sede.

E, confirmando esta atuação, neste último mês de março, com a presença de alguns membros da executiva do Conselho, Sr. Jurandir Nogueira, assessor do Interior, e Genésio de Arruda, secretário executivo, reuniram-se na sede daquela Regional mais de 40 lideranças, para tratarem de assuntos também importantes, arrolando a própria Regional do Conselho e os poderes municipais locais em relação à população negra da região. O Conselheiro Antonio Joel da Conceição, como representante regional da comunidade, deu início aos trabalhos, colocando as dificuldades enfrentadas e aprovando, no final, diversas comissões para atuarem dentro do Conselho.

Se desde então, isto é, em outubro do ano passado, já havia acentuada preocupação, o que originou em vários projetos na época, para dinamizar a integração da Comunidade Negra regional e o próprio Conselho, além de viabilizar a participação da juventude negra de Rio Claro juntamente com os grupos de escoteiros, e propôr desenvolvimento de trabalhos, visando melhorias de condições das inúmeras entidades negras locais, desta feita foram discutidas também prioridades não tão distantes daquelas.

Mudando a condição de pedinte para atuante

Foram levantadas questões abordando problemas relacionados ainda com o menor, notadamente com as creches e com a guarda-mirim, além de discutir a possibilidade de bolsas de es-

tudo através de entidades municipais ou mesmo particulares.

Com relação às creches aventou-se uma possível ocupação dos espaços que ficam ociosos durante o dia, espaços esses que seriam utilizados através de convênio com a Prefeitura, tanto na cessão de funcionários quanto de equipamentos, sanando, com isso, parte do problema do desemprego, que não é privilégio apenas da Capital, mas também do Interior.

O assunto na pauta das discussões, criação de projetos para construção de moradias tipo "Nosso Teto", "Mutirão", "João de Barro" ou semelhante e além de sugestões para concretização das hortas e restaurantes comunitários, amenizando assim o problema da alimentação. Também não foram esquecidos a recreação e o lazer, temas hoje inseridos e tão necessários em quaisquer comunidades.

Com relação à recreação e lazer, a idéia é criar um Centro de Cultura Afro-Brasileira, bastando, com isso, apenas impulsionar os trabalhos, já que existem o terreno e a verba para dar continuidade ao projeto.

Mas, para uma região de aproximadamente 40 mil negros, Rio Claro, conforme exposição de Joel, tem também muitas dificuldades. Estas dificuldades estendem-se desde o "relacionamento da Regional com os poderes municipais" até "a necessidade de uma maior mobilização da Comunidade" que, para "não levar ao descrédito às lideranças negras locais", faz-se premente "o apoio político da executiva e dos outros membros do Conselho", arremata Jurandir Nogueira.

E, para fazer jus a um pensamento procedente e dito por alguém deste encontro, de que "é preciso mudar a condição de pedinte para atuante", todas as propostas então levantadas foram entregues ao prefeito José Lincoln de Magalhães, através do conselheiro Antonio Joel da Conceição e inúmeros representantes da Comunidade Negra local.

Os profissionais de saúde mental e o racismo

Desde o início do século XX, em particular nos anos 30, os profissionais de saúde brasileiros deram muita importância à incidência e a prevalência dos diversos tipos de doenças mentais e sua distribuição étnica. Pode-se verificar deste modo que nesse período, a população negra era muito mais atingida pelas doenças mentais de origem toxi-infecciosa (sífilis, alcoolismo) que a população branca. Entre os brancos predominavam as doenças ditas "Constitucionais".

Esses dados, embora corretos no seu valor estatístico foram sistematicamente interpretados como estigma racial. Um aspecto importante no entanto, foi esquecido, ou seja, o modo de propagação da sífilis ou do alcoolismo. No caso da sífilis, por exemplo, as razões de sua maior difusão no seio da população não-branca era mais que evidente. As mulheres negras e mestiças sempre foram submetidas, por motivos sociais, econômicos e culturais, a uma promiscuidade sexual bem maior que as mulheres brancas. Desde a escravidão, as negras e mestiças nunca puderam conhecer as normas morais do contato sexual, pois foram brutalmente utilizadas pelos senhores. Depois da abolição, essas mulheres viram-se forçadas a se prostituir nas cidades para sobreviver, ou para manter a família.

Estas considerações nunca foram levadas em conta pelos profissionais de saúde, que preferiram acreditar na predisposição genética das mulheres negras e mestiças a se tornarem sífilíticas. Desta maneira associavam a idéia de decadência moral à herança psíquica dos não brancos e tinham um pretexto para confirmar o preconceito racial.

O mesmo fenômeno repete-se com o alcoolismo. Nas décadas de 20/30, a maioria dos profissionais de saúde brasileiros afirmavam que o alcoolismo era mais freqüente ao negro, por causa de sua herança racial. Entretanto, os negros, antes de serem submetidos a engrenagem social das cidades, apresentavam um índice de alcoolismo nitidamente inferior ao das doenças ditas constitucionais (esquiosofrenia, psicose maniaco-depressiva etc), que eram consideradas como atributos raciais do homem branco.

Os profissionais de saúde devem estar atentos para o fato de que a doença mental não deve ser vista somente sob um aspecto organicista pois se encontra e se manifesta num dado contexto social que a favoreça.

Ao lidar com aspectos emocionais de um dado cliente devem ater-se às diversas formas de controle social, principalmente o étnico. Se considerarmos que o homem é fruto da própria história as formas de discriminação são reforçadoras da manutenção dos chamados distúrbios de comportamento. A discriminação racial é particularmente prejudicial à medida em que gera ambivalência pois a sociedade segregadora e nega a segregação que faz.

Com certeza essa negação induz o negro a pensar que a baixa posição social que ocupa é responsabilidade sua, já que todos tem as mesmas oportunidades. A auto-confiança, a segurança pessoal são diretamente atingidos podendo levar a sentimentos de inferioridade e incapacidade. A discriminação velada impede um ataque frontal deixando um sentimento de importância e levando a uma hostilidade reprimida, que vai desdobrar nas relações familiares e sociais, marcadas pela violência.

O preço da ascensão social possível, é tornar-se um negro de "alma branca" e essa descaracterização continua e gradual, essa luta para atingir os modelos físicos e sociais brancos traz ansiedade, que levam à perda de identidade e dignidade pessoal.

O profissional de saúde deve estar ciente de que trabalhar com a realidade brasileira é trabalhar com os problemas específicos de uma camada da população que corresponde a 44% do total (dados do IBGE de 80).

Vale ressaltar que o povo teve sempre sua própria resposta para resolver os problemas da chamada "doença mental", especialmente ao nível que os profissionais, chamam "neurose".

Os pais de santo, as benzedeiras e curandeiros, têm sido os profissionais de saúde desde há muito tempo e em alguns casos, tem chegado até a uma atuação terapêutica eficiente. A grande maioria do nosso povo recorre à "psicoterapia não científica", e isso se deve não ao fato de não poder arcar com os honorários dos profissionais, como também, ao fato de que esses, se alienados, atuam de acordo com a visão munda na da classe dominante, que não coincide com os valores que orientam a realidade do nosso povo. Isso incorre em um etnocentrismo que às vezes os profissionais não percebem.

Os profissionais da área da saúde devem sair de seus consultórios, de suas clínicas e instituições, visto que a população está se organizando para reivindicar seus direitos e com certeza colocam a questão da saúde. O indivíduo deve ser visto neste contexto como um sistema de relações biopsico-social. Isto significa fazer ciência engajada em atividade de transformação social.

Trecho do trabalho apresentado no seminário "A Mulher e a Saúde Mental" realizado em junho de 85, pelo Conselho Regional de Psicologia e o Conselho Estadual da Condição Feminina. Apresentado também no VIII Encontro Nacional dos Estudantes de Psicologia em julho de 85 num trabalho coordenado pela PUC/SP.

Maria Aparecida Silva Bento Teixeira
Vera Aparecida Benedito
Maria Sueli Teixeira.

*É coordenadora do setor de Relações de Trabalho do Conselho da Comunidade Negra.

1.º Fórum da Constituinte Cultural do Interior

Rio Claro mais uma vez sai como ponta-de-lança do 1.º Fórum da Constituinte Cultural do interior do Estado.

A idéia é de acrescentar à pauta de reivindicações, já entregues ao presidente eleito Dr. Tancredo Neves, subsídios com vistas às perspectivas culturais levantadas a partir do interior do Estado.

O coordenador desta Constituinte Cultural é o Sr. Alceu Marozzi Riguetto, da prefeitura de Rio Claro. Isto significa que todas as regiões próximas de Rio Claro estarão integradas a esse fórum cuja sede desse primeiro encontro se dará provavelmente nessa cidade.



Perfil do Conselheiro

Neste perfil do conselheiro, entrevistamos o sindicalista Osvaldo Santiago, membro do Conselho, e atual diretor para área das finanças do Sindicato de Telecomunicações do Estado de São Paulo. Casado, pai de cinco filhos, Osvaldo Santiago fala do seu trabalho:

JCCN: Como foi sua entrada para o movimento sindical?

Foi através de convite de amigos, devido à minha atuação junto às bases. A partir daí, passei a atuar como Delegado na área de Serviço, sendo que com o tempo fui escolhido como suplente de Diretor, depois membro do Conselho Fiscal do Sindicato, e atualmente Diretor Adjunto, na área de Finanças.

JCCN: Em que consistia o seu trabalho?

Acima de tudo, era através da participação ativa na conscientização da categoria profissional. E a minha atuação se dava em levar para dentro do sindicato os problemas pertinentes à minha área de trabalho e vice-versa. Também participava ativamente das reuniões promovidas pelo sindicato, cursos, seminários, congressos etc. JCCN: Atuando na área sindical há dezenove anos, quais eram na época da sua entrada no sindicato, as principais reivindicações da categoria?

As reivindicações eram sobretudo por melhores salários e condições de trabalho. Com o advento do governo autoritário, a atuação dos sindicalistas passou a ser mais difícil, na medida em que os sindicatos eram mais controlados, não podia haver negociação, no sentido de se exercer maior pressão junto às empresas, assim como não havia possibilidade de barganha, principalmente por ser uma categoria considerada atividade essencial, logo era terminantemente proibido fazer greves etc.

JCCN: Isto quer dizer que houve uma estagnação da luta sindical?

Não, porque por outro lado, houve um maior avanço em como se fazer negociações. Só para se ter uma idéia, conquistamos a gratifi-

cação de férias para os trabalhadores — uma das poucas categorias a conseguir este benefício — obtivemos férias de 30 dias corridos, implantamos o sistema de tickets — vales de refeição, em restaurantes à escolha dos funcionários —, auxílio-creches, através de acordos com as empresas ligadas à área de Telecomunicações, é claro, estabilidade da gestante, dispensa dos delegados na área de serviço para participarem de reuniões, cursos e seminários. É verdade que a nossa grande meta é ainda a de conseguir a estabilidade do delegado nas empresas.

A luta da comunidade negra por um espaço na sociedade brasileira

JCCN: O delegado não tem estabilidade na empresa por que?

Bem, não há estabilidade, porque o delegado sindical, em função de que ele, está atuando dentro da empresa exercendo de certa forma a função de um diretor de sindicato junto à área de serviço, de maneira muito direta. Daí, a nossa luta para se conseguir a estabilidade do delegado. Luta essa, que estamos desenvolvendo há anos, sem que tivéssemos sucesso, todavia, isto não quer dizer que não continuaremos a lutar.

JCCN: Qual a diferença salarial entre os anos 70 e 80?

A diferença é bastante grande. Nos anos 70, por exemplo, o salário dos trabalhadores da área de comunicações, era compatível com o mercado. Hoje, só para dar um exemplo concreto, a categoria dos emendadores de cabo, ganha menos que um motorista de ônibus, sendo que, o mesmo é um artífice de mão-de-obra qualificada, que exige cursos de especialização e experiência de trabalho. E sem cima de perdas reais do salário, é que a gente sente que o trabalhador está cada vez mais, indo atuar dentro dos sindicatos, reivindicando seus direitos, melhores salários e condições de trabalho. Quando eu digo

condições de trabalho, isto quer dizer, maior segurança, menor pressão, e melhor tratamento por parte da chefias.

JCCN: Há muitos profissionais negros sindicalizados no seu sindicato?

Olha, 80% dos trabalhadores em empresas de telecomunicações são associados, dentro desse total, pode-se calcular que aproximadamente 30% são negros.

JCCN: Como é atuação desses profissionais junto ao sindicato?

É pequena. Falta a consciência enquanto categorias profissionais. Veja um exemplo, uma boa parcela da população negra que trabalha na TELESP, são telefonistas, reparadores, emendadores, auxiliares de redes etc. no entanto alguns negros com cargos melhores não assumem uma postura enquanto negros junto à comunidade.

JCCN: A que se deve essa falta de postura junto à comunidade, como você diz?

Acredito eu, que essa falta de postura seja talvez devido ao meio em que os mesmos convivem. Isto é, para essas pessoas a comunidade negra organizada não existe. Devido sobretudo à falta de informação. Sabemos hoje que a comunidade negra luta por um espaço maior na Sociedade brasileira, seja a nível econômico, político, social e cultural.

JCCN: Como sindicalista, você tem participado de diversos congressos, não só a nível nacional como internacional. Qual tem sido a participação do negro no movimento sindical?

Com a Nova República o sindicalismo tende a avançar no Brasil.

De certa forma, bastante fraca. Cito, por exemplo, no congresso realizado em Buenos Aires, Argentina, num total de 35 sindicalistas eu era o único negro, da mesma forma que no Congresso realizado em Lima, no Peru, e outros países latino-americanos. Já na região do

Caribe a participação de sindicalistas negros é muito grande.

JCCN: Houve muita diferença na forma de atuação do sindicato desde a época de repressão e agora com a chamada Nova República?

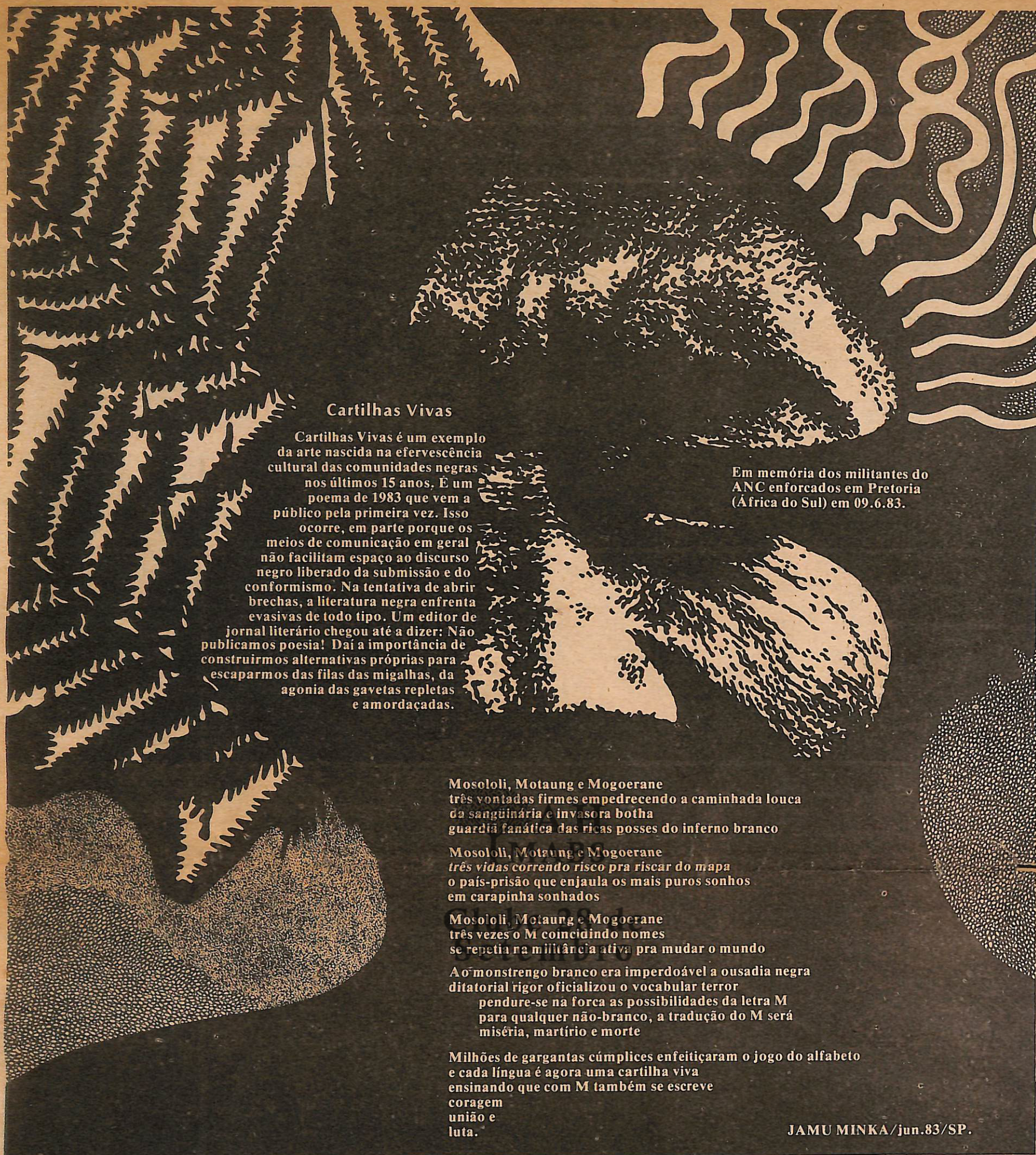
Houve sim. Na verdade houve um afrouxamento nas relações entre sindicatos e empresas, isto é, a gente pode negociar melhor. O caso Telebrás, órgão que disciplina o serviço de comunicações no território nacional, antigamente, não havia a experiência da negociação. Tanto assim que conseguimos, através de pressões, é verdade com bloqueio dos sistemas de DDC — Discagem Direta a Cobrar, e DD1 — Discagem Direta Internacional, 100% do INPC para toda a categoria, abono. Contudo não conseguimos a trimestralidade. Com a Nova República, o sindicalismo no Brasil tende a avançar, trazer novas propostas das categorias profissionais como também o surgimento de novas lideranças que o regime anterior havia esmagado. Espero que as novas lideranças negras pertencentes a nossa categoria, venham também dar o seu quinhão de contribuição.

JCCN: Como membro do Conselho da Comunidade Negra, em que tem consistido a sua contribuição?

Acredito que o conselho é o órgão mais importante que a comunidade já teve

Como membro do Conselho, acredito que é o órgão mais importante que a comunidade já teve. Sabemos que o mesmo ainda não atingiu a sua plenitude como entidade junto à comunidade, mas isso depende de nós como conselheiros, isto é, da nossa participação e da participação também de toda a comunidade negra, independentemente de ideologia política e partidária.

Osvaldo Santiago é também Presidente da Sociedade Amigos de Bairro em Barueri, membro da executiva do diretório municipal de Barueri.



Cartilhas Vivas

Cartilhas Vivas é um exemplo da arte nascida na efervescência cultural das comunidades negras nos últimos 15 anos. É um poema de 1983 que vem a público pela primeira vez. Isso ocorre, em parte porque os meios de comunicação em geral não facilitam espaço ao discurso negro liberado da submissão e do conformismo. Na tentativa de abrir brechas, a literatura negra enfrenta evasivas de todo tipo. Um editor de jornal literário chegou até a dizer: Não publicamos poesia! Daí a importância de construirmos alternativas próprias para escaparmos das filas das migalhas, da agonia das gavetas repletas e amordaçadas.

Em memória dos militantes do ANC enforcados em Pretoria (África do Sul) em 09.6.83.

Mosololi, Motaung e Mogoerane
três vontadas firmes empedrecendo a caminhada louca
da sangüinária e invasora botha
guardia fanática das ricas posses do inferno branco

Mosololi, Motaung e Mogoerane
três vidas correndo risco pra riscar do mapa
o país-prisão que enjaula os mais puros sonhos
em carapinha sonhados

Mosololi, Motaung e Mogoerane
três vezes o M coincidindo nomes
se repetia na militância ativa pra mudar o mundo

Ao monstro branco era imperdoável a ousadia negra
ditatorial rigor oficializou o vocabular terror
pendure-se na forca as possibilidades da letra M
para qualquer não-branco, a tradução do M será
miséria, martírio e morte

Milhões de gargantas cúmplices enfeitiçaram o jogo do alfabeto
e cada língua é agora uma cartilha viva
ensinando que com M também se escreve
coragem
união e
luta.

JAMU MINKA/jun.83/SP.

São Paulo faz protesto contra África do Sul

Mais de 300 pessoas estiveram presentes no ato público convocado por várias entidades negras e não negras do Estado de São Paulo, em protesto contra o regime do apartheid da África do Sul, no dia 22 de agosto.

O movimento coordenado pelas entidades, inclusive o Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, promoveu um comício, no qual políticos dos diversos partidos, Dep. Castelo Branco (PMDB), David Lerer (PDT), Eduardo Suplicy (PT), Toni Rechi (PTB), Benedito Cintra (PMDB) e líderes do Movimentos Negros Geraldo (MNU), Thereza Saneó, do Coletivo de Mulheres Negras, Vereador João Bosco, Comun. Negra de São José dos Campos, Hélio Santos, Conselho da Comunidade Negra, assim como entidades solidárias como Conselho Estadual da Condição Feminina, através de Alda Marco Antonio, Osvaldo Ribeiro, do Sindicato dos Me-



troviários, e tantos outros manifestaram-se contra o regime segregacionista de Pieter Botha. Logo após os pronunciamentos houve uma caminhada saindo do MASP em direção ao consulado Sul-Africano, na Av. Paulista, momento em que houve a leitura de um manifesto, e onde o artista plástico Lizar queimou uma tela que simbolizava o sofrimento de milhares azarianos mortos em combate contra o apartheid.

As entidades que participaram da organização do evento foram:

- Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra
- Movimento de Mulheres Negras
- Movimento Negro Unificado
- Movimento Negro do PDT
- Grupo Negro da PUC
- Grupo Senzala
- Movimento Negro de Osasco
- Movimento Negro de Cangaíba

MOSTRA INTERNACIONAL DE LITERATURA

O papel da Literatura tem sua especificidade no processo histórico. Ela realiza aquele diálogo mais íntimo junto ao ouvido, olhos e espírito do leitor ou público. Por ser arte de palavras tem um jeito peculiar de dialogar e propor a visão de mundo, espalhando um humus especial que pode contribuir muito como fertilizante da recodificação. E ela tem sido uma das principais expressões do movimento negro, não só na atualidade mas também na sua história antiga. Este foi um trecho do trabalho apresentado pelo poeta e escritor gaúcho Oliveira Silveira, intitulado "A Recodificação do Mundo pelo Negro na Diáspora Através da Literatura", apresentado dentro do Perfil da Literatura Negra, Mostra Internacional de São Paulo que aconteceu de 20 a 26 de maio, no Centro Cultural São Paulo.

A exemplo do texto citado acima e muitos outros de excelente qualidade, o evento foi sem dúvida alguma o mais importante acontecimento cultural, ligado à literatura, dos últimos 20 anos. Patrocinado pela Secretaria Municipal de Cultura, tendo a frente desses traba-

lhos a teatróloga e publicitária Thereza Santos, que com uma equipe de profissionais competentes, conseguiu um fato quase que inédito: lotar as salas do Centro Cultural por uma semana inteira, atraindo as atenções do público da Capital e do Interior, interessados em saber dos caminhos percorridos por escritores negros e brancos, através de seus trabalhos com relação à recodificação do mundo pelas palavras. Participaram especialistas renomados tanto do território nacional e internacional como Abdias do Nascimento, Gianfrancesco Guarnieri (Secretário da Cultura do Município) Domício Proença, Ele Semog, Osvaldo de Camargo, Dom Lee e Michael Mitchell, dos Estados Unidos, Maximiliem Larosche, do Haiti, entre outros. Não resta a menor dúvida que um grande passo foi dado, façamos votos que eventos dessa natureza não sejam atrações de 10 em 10 anos, mas que possam ocorrer, pelo menos a cada dois anos, a fim de que o exercício da troca de experiências em todos os setores das atividades literárias contribuam para o enriquecimento e fortalecimento da atitude crítica perante a vida e o mundo.

PERFIL DA LITERATURA NEGRA / MOSTRA INTERNACIONAL DE SÃO PAULO
de 20 a 26 de maio no centro cultural são paulo

Símbolo do Perfil da Literatura Negra — Mostra Internacional de São Paulo

Reverendo norte-americano visita o Conselho



Reverendo norte-americano quando da sua conferência no Conselho, dia 13 de maio

No dia 13 de maio o reverendo norte-americano James Lawson proferiu uma palestra na sede do Conselho, sobre a trajetória do negro americano até os dias de hoje.

Na ocasião, o presidente do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, Prof. Hélio Santos e o reverendo James Lawson, presidente estadual das igrejas metodistas de Los Angeles, Califórnia, traçaram um paralelo interessante do período pós-abolição nos dois países.

Com a presença de mais de 70 pessoas, as questões que se seguiram logo após a exposição despertaram profundo interesse nos presentes ao debate, com relação aos aspectos mais incisivos que norteiam o segmento negro dos dois países; da questão de terra à educação, da habitação à legislação, num leque amplo de discussão, que acabou por comprovar o acerto da iniciativa por parte do Conselho em dar continuidade aos debates dessa natureza.



Reverendo James Lawson

Conselho Mundial de Igrejas

A equipe do Programa de Combate ao Racismo do Conselho Mundial de Igrejas em visita ao Brasil, percorreu várias capitais brasileiras, no intuito de conhecer os problemas da comunidade negra e indígena do nosso país.

A comissão esteve representada por James Mutambirwa, de Genebra, Paul Boeteng e esposa, da Inglaterra o Bispo Roger Uwadi, da Nigéria e o rev. Antônio Olímpio de Sant'Ana, da Igreja Metodista de Piracicaba. De passagem por São Paulo, conheceram a sede do Conselho, onde na ocasião, a comissão executiva do Conselho pôde expor as suas propostas de trabalho, ressaltando os diversos projetos desenvolvidos pelo órgão, no tocante ao combate à discriminação racial no Mercado de Trabalho, na Educação, Meios de Comunicação etc.

Em Brasília tiveram uma audiência com o Ministro da Cultura Aluísio Pimenta e com o chanceler Olávo Setubal do Ministério das Relações Exteriores.

Além da comunidade negra, os visitantes mantiveram contato com líderes da comunidade indígena e ficaram bastante emocionados com os relatos sobre a realidade indígena e negra no Brasil.

Lançamento do livro "ZUMBI"

O Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra e a Editora Moderna Ltda., lançaram dia 23 de agosto, às 19.00 horas, na sede da União Brasileira de Escritores, Rua 24 de Maio, 250, o livro "ZUMBI" do Prof. Joel Rufino dos Santos.

Na ocasião, foi realizada uma conferência do autor sobre Zumbi dos Palmares. O livro levanta as seguintes questões: Como foi possível aos negros foragidos criar um foco de resistência tão bem organizado no interior do Brasil-Colônia? Quem foi Zumbi dos Palmares? Quem foi Ganga Zumba? Como viviam os ex-escravos nessa peculiar República? Como e por que foram derrotados?

Esta biografia de um dos principais personagens de História do Brasil-Colônia faz parte da COLEÇÃO BIOGRAFIAS, do Projeto Passo à Frente da Editora Moderna Ltda.

BIOGRAFIAS

ZUMBI

JOEL RUFINO DOS SANTOS



III

REPELIQUE O TORCEDOR

PESTANA

